

Desemprego bate recorde em Brasília

CORREIO BRAZILEIRO

Desde o início do Plano Real em julho de 1994 o número de brasilienses que perderam o emprego chegou a 30 mil

Brasília convive hoje com o mais dramático quadro de desemprego da sua história. Segundo o técnico da Codeplan Jussânia Humbelino, o número de desempregados bateu recorde.

Apenas nos três primeiros meses do ano, 5,4 mil pessoas foram demitidas. Desde o Plano Real, em julho de 94, o desemprego já bateu nas portas de 30 mil pais ou mães de famílias.

A situação mais grave se concentra nos setores do comércio e da construção civil.

Em março, Brasília ganhou 6.300 novos empregos. Apesar disso, o número de desempregados subiu de 134,1 mil para 139,5 mil.

Ou seja, 17,2% da população economicamente ativa do Distrito Federal — estimada em 812 mil pessoas — estão na rua.

O comércio demitiu, no mês em análise, 4.400 trabalhadores e a construção civil 1.100.

Segundo cálculos do presidente do Sindicato dos Comerciários, Raimundo Neves, na época da implantação do Real, o comércio do

DF tinha 60 mil trabalhadores. Hoje eles somam cerca de 45 mil.

ADEMI

“O número de trabalhadores da construção civil caiu pela metade: em julho de 94, eram de 15 mil, hoje não chega a 7.500. Há dois anos, o governo não constrói obras para a população de baixa renda. Não tem onde雇用 tantos trabalhadores”, diz o empresário e presidente da Associação dos Dirigentes das Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), Paulo Octávio.

Adalberto Cleber Valadão, presidente do Sindicato da Construção Civil, também culpa o governo e diz que as causas do desemprego no setor são duas: falta de investimento do setor público e a alta taxa de juros que inviabiliza o investi-

mento do setor privado.

Para reverter este segundo quadro de desemprego, o presidente do Sindivarejista, Lázaro Marques, tem um projeto que já está nas mãos do ministro do Trabalho, Paulo Paiva.

Ele quer liberdade para abrir as lojas aos domingos e para criar novos turnos de trabalho.

O projeto prevê a criação de 30 mil novos empregos. “Ao invés de um shopping trabalhar com dois turnos de seis horas, contratáramos mais profissionais e faríamos três ou quatro turnos. Ninguém iria trabalhar a mais e todos teriam suas folgas semanais”, explica. Com a reposição dessas 30 mil vagas o nível de emprego na cidade volta ao que existia em julho de 1994, quando começou o Plano Real.